

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A LEITURA DO JORNAL NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DE MIKHAIL BAKHTIN E DO SEU CÍRCULO

Edilaine Vieira Lopes¹; Vera Lúcia Pires²

RESUMO

Apresenta-se aqui o relato de um estudo em andamento a partir da leitura do Jornal na Sala de Aula, que surge como instrumento possibilitador de uma ação social, inserindo os educandos no seu contexto sócio/ histórico/ cultural, como atuantes e protagonistas da própria aprendizagem, uma vez que a leitura crítica do discurso jornalístico permite um estudo aprofundado das ideologias, por meio da intertextualidade, da intersubjetividade, da polifonia e do contato com diversos gêneros textuais. A proposta se justifica teoricamente por preocupar-se com o desenvolvimento das habilidades e das competências leitora e escrita, por meio da leitura, produção escrita e reescrita de textos dos mais diversos gêneros, conforme estudos da corrente filosófica russa de Mikhail Bakhtin e seu Círculo transdisciplinar. O estudo de caso se constitui da coleta de dados e de observação como docente/ pesquisadora participante no projeto existente em algumas cidades da região. O programa PJNSA propõe que a cada semana alunos e professores integrantes do programa recebam um exemplar do jornal na sala de aula, como um convite à prática da leitura a partir de uma proposta interdisciplinar. A edição pertence ao aluno, que pode, inclusive, levar o jornal para casa e compartilhar as informações com sua família e amigos, permitindo que todos tomem ciência dos fatos, conversem sobre eles, opinem, debatam e produzam conhecimento por meio de ações concretas, criando uma nova realidade para o mundo em que vivem. Pretende-se com este estudo analisar e compreender a produção de sentido e a importância da ação para a educação, sobretudo na cidade de Novo Hamburgo.

Palavras-chave: Bakhtin. Jornal. Leitura. Enunciação.

¹ Centro Universitário Ritter dos Reis -UniRitter- Laureate International Universities, Porto Alegre (Doutoranda). edilaine.nh@gmail.com

² Centro Universitário Ritter dos Reis -UniRitter- Laureate International Universities, Porto Alegre (Dra./Professora orientadora). pires.veralu@gmail.com

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



1 PALAVRAS INICIAIS: DÚVIDAS E ANSEIOS INVESTIGATIVOS

Sempre preocupamo-nos com a escrita³, com os modos de escrever, de aprender, tentando diminuir a angústia dos que demonstravam insegurança, pois queríamos ajudá-los. Como educadoras, angustia-nos ver alunos com parecer e diagnóstico médico, quase justificando sua incapacidade cognitiva para a escritura. Sabemos de muitas limitações, mas não há limites para a arte, para a criação, para o prazer da fruição, quando as coisas estão imbricadas e, juntas, formam uma só.

Com a leitura de Barthes, libertamo-nos das rédeas da escrita e descobrimos o que estávamos tentando fazer com nossos alunos: escrita, embora tenhamos sido professoras e, por pura intuição, fizemos a escritura⁴ e nos iniciaram nesse caminho. Com Virgínia Kastrupp e Jorge Larrosa, percebemos que, num dado ponto, paramos de resolver problemas e de ser consideradas alunas inteligentes. De vez em quando, nos refugiamos na literatura. Garimpamos o mundo com Palomar, de Calvino, ou nos derretemos com o amor quase Quixotesco de Inês Pedrosa, a Jenny, uma Dulcineia às avessas. Divirtimo-nos com Rubem Alves, em *Pensamentos que penso quando não estou pensando* e reviramos o Baú de Espantos do bom e velho Quintana. Umás vezes corremos para a Cecília, em outras fugimos com Vinícius. Drummond não pode nos ajudar, nem Pessoa, que tenta explicar que devemos guardar as pedras e montar nossos castelos. Camões só nos incentiva a seguir navegando e, então, percebemos que não podemos escrever literatura agora.

Com a escrita, compreendemos que no embate com a gente ou com o mundo, tendemos a preferir o mundo. Assim, descobrimos que era necessário estudar o que ocorria

³A partir da leitura das obras de Roland Barthes (1915- 1980), sobretudo das três principais (*O rumor da língua*, 2004; *O prazer do texto*, 2002; *O grau zero da escrita*, 2004), entende-se por “escrita” o processo formal, que é ensinado nas escolas e valorizado na sociedade grafocêntrica em que vivemos, na qual a norma dita “cultura”, gramatical, é prestigiada e onde só se dá bem, só tem emprego e salário garantidos, trabalhos promissores, quem souber fazer uso da língua, isso é, “escrever bem”, usar a linguagem para obter prêmios, notoriedade social, acadêmica e intelectual, lucros, a seu bel prazer.

⁴ Em “*O rumor da língua*”, Barthes (2004, p.382) afirma que a escritura é “uma potência, fruto de iniciação, mas também o grau zero da escrita, uma aventura com generalidade simbólica”... Entende-se que a escritura está mais ligada ao prazer, à fruição, ao devir, ao ócio criativo, do que propriamente, aos exaustivos trabalhos de ensaio da escrita acadêmica, tanto treinados na escola formal.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



durante o processo da escrita. Afinal, será que escrever é tão difícil assim? E por quê? Escrever é um ato de ensaio, ensaiar a vida. A escritura pode ser descrita como processo artístico, constituinte da criação. ESCRITURA, VIDA e CRIAÇÃO são unidades plurais, isto é, são coisas separadas (unidades), mas ficam interligadas, por meio de redes repletas de significados e de sentidos (plurais), ou seja, por meio da leitura. Tudo anda junto. Podemos perceber que é na unidade do texto e na sua relação de sentido com as coisas e com o mundo que a mágica da linguagem perpassa e se faz ao nos constituir enquanto seres que pensam e que se comunicam.

É preciso estudar melhor essa relação entre a leitura e a escritura, processos necessários e prazerosos, que parecem ter sido esquecidos na educação. Mas não a leitura como promoção, como um “ler para escrever e falar melhor”: a leitura como um dar a ler, como fruição, prazer, gozo. Mas não falamos aqui de um “ler poético, literário, apenas”. Falamos, agora, de uma outra leitura, a de jornal, como prática, como gênero textual e recurso pedagógico.

A pergunta é: será que o jornal é eficaz no combate ao analfabetismo funcional e potente auxiliador no processo de leitura nas escolas? Sabe-se que a leitura da comunidade, as notícias do bairro, da cidade e da região têm chegado às famílias não pelos pais, mas pelos alunos, dando o exemplo e incentivando-nos a mudar: está na hora de assumir a identidade contemporânea e deixar de lado o status social que apenas a leitura literária, de romances e clássicos, tem. É preciso investigar, quantificar, acompanhar, coletar e analisar dados para podermos afirmar, não apenas empiricamente, a ideia que nosso projeto defende: o jornal na sala de aula é um potente instrumento pedagógico de auxílio e desenvolvimento à leitura, contribuindo, portanto, com o desenvolvimento de alunos conscientes do poder da leitura do jornal em sala de aula nessa sociedade bombardeada por informações.

Este texto pretende discorrer sobre os processos de “leitura e escrita” (como algo informal, diferente do ensinado nas escolas e valorizado na sociedade grafocêntrica em que

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



vivemos) e de “leitura e escritura”, que parecem ser diferentes e que, portanto, produzem diferentes efeitos na prática cotidiana de ensino/ aprendizagem da língua.

Leitura e escritura parecem ser processos diferentes e, portanto, produzem diferentes efeitos na prática cotidiana de ensino/ aprendizagem da língua. Percebe-se que a leitura, atrelada à escritura, é uma potência, fruto de iniciação, mas também o grau zero da escrita, uma aventura com generalidade simbólica, mais ligada ao prazer, à fruição, ao devir e ao ócio criativo do que, propriamente, aos exaustivos trabalhos de desenvolvimento da escrita/ leitura. Logo, parece haver ligação entre a leitura, a escritura e a vida, através de uma relação em que o escritor/leitor deixa de ter apenas autoria do texto, abrindo mão de ser o autor/usuário e passando a ser usado pela linguagem (em vez de apenas usá-la).

2 SOBRE AQUILO QUE JÁ SE SABE

Barthes (2004) se aventura ao afirmar que criou uma teoria entre a linguística e a semiologia. Para ele, “Babel não é mais, ou talvez nunca tenha sido, punição: é fruição pura, a tese do prazer remete a uma Babel feliz, onde o encontro de várias línguas gera o caos, mas um caos que produz, que tem efeito, que não apenas reproduz...”. A que cria, que causa, que implica, que está imbricada. A fruição ocorre quando há gozo, isto é, quando tomamos posse das palavras, como se fossem parte de nossa fala, fazendo delas usufruto. Tal feito ocorre também na escrita, quando o escritor entra em contato com a escritura.

Há uma dicotomia bem definida que diz respeito ao texto: quando o escrevemos, temos que dar prova ao leitor de que ele, o texto, enquanto produção, nos deseja, nos quer. Este seria um forte indício de escritura. Escrever faz parte da vida, é um ensaio, uma constante luta, permanente greve, manifesto contra a morte. Se nada mais existe, exceto a língua, visto que somos rodeados por linguagem e por signos, “coisas que usamos no lugar

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



de outras coisas”, então usamos a ficção o tempo todo. Tudo é literatura⁵, é faz de conta. Se escrever é representar, então qual é o objetivo de descobrir a diferença entre escrever (escrita e escritura)?

Barthes ousa: “todo relato é revelação da verdade, é ascensão”... Nietzsche foi escritura pura! Fez (e faz) entrar em crise a sua própria relação com a língua ao afirmar que as palavras são repletas de vontade, carregadas de sentido próprio. O seu *giro linguístico* deu posição de destaque à linguagem, enquanto representação, criação e invenção de si e do mundo. Basta ler sua espécie de epitáfio: “uma coisa sou eu, outra são meus escritos”.

Não existe por trás do texto ninguém ativo (escritor) e ninguém passivo (leitor); a escritura é como o olho por onde vejo e por onde me veem. O prazer do texto⁶ é o momento em que meu corpo segue suas próprias ideias, pois não parece ter as mesmas que eu. É quase como assinar nosso atestado de total incompetência e impotência perante a linguagem e, o melhor, é como se não estivéssemos preocupados com isso! É o tal prazer, a tal fruição, a rendição ao texto, tal qual o Elogio à Loucura seria o elogio à escritura, mas não como a salvação única dos problemas na Educação, porém como uma boa alternativa para o relativismo do “reproduz, copia, imita e repete”, método de ensino aplicado pela sociedade moderna, tão repercutido na escola dita tradicional.

Nenhuma teoria da interpretação é possível sem que se prenda com o problema da escrita, processo pelo qual há uma separação do significado em relação ao evento, fato que não cancela a estrutura fundamental do discurso. Quando se fala em valorização da escrita, é da valorização do discurso e da intenção que estamos mencionando. O discurso é sempre de e sobre alguma coisa, mesmo quando há a ilusão de ausência da referência. O discurso nos relaciona com o mundo. Compreender um texto é avistar todas as significações que o constituem. Aqui, parafraseando Paul Ricoeur, podemos dizer que quando negamos a

⁵ Mario Osório Marques (1997, p.139) afirma que se no texto que lê, o leitor não surpreende efeitos outros que os por ele supostos serem os pretendidos por quem o escreveu, não existe leitura, apenas decifração. O poeta pinta quadros com as palavras.

⁶ Mario Osório Marques (1997, p.58) afirma que “ao escrever a imaginação produtiva é poder ativo” (P.. 56) e que o papel da teoria no escrever não é como o de algo a ser confirmado ou negado, mas como provocação de um horizonte mais vasto, pois não há outro caminho para atingir a realidade a não ser através da imaginação.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



linguagem, negamos a nós mesmos e à possibilidade de existir pela compreensão/ interpretação do que somos. Se toda escrita precisa essencialmente da hermenêutica, então a leitura se torna um problema do campo da Interpretação.

Por que não citar também Paulo Freire? Sua obra trazia (e ainda traz) como proposta a busca pela igualdade, apostando numa educação que tem como pressuposto o diálogo, em que todos têm direito à voz e se educam mutuamente. Este diálogo reflete na condução de qualquer indivíduo a um nível crítico elevado, gerando ações em conjunto. É necessária a interatividade dos indivíduos com eles próprios, com os outros e com o mundo (Pedagogia Dialógica de Paulo Freire). No que tange à associação livre entre Ricoeur, Freire e Barthes, pensamos que tomar a palavra e não entregá-la a alguém que fale ou escreva por nós é um exercício de autonomia, sobretudo de distanciamento, apropriação e escritura. Proposta de intervenção, autoria e arte, a escrita como se as palavras fossem nossa vida (e, de fato, o são! Tudo é linguagem, só ela nos resta).

A palavra escritura carrega sentido, significado. Já a escrita, nos leva para a análise, nos permite “pensar na ou sobre frase”, ser um “pensa frase”. A frase (ou a forma, a escrita), rígida por natureza, seria o corpo? NÃO! Mas a escritura seria a cultura⁷, ou seja, igual a mais prazer. O prazer da frase, esse sim, é cultural, mas tal fruição não obriga ao prazer. Contudo, pode haver prazer no texto, na escrita, mas este não é seguro, é frio. Já o da escritura é livre, nunca igual, sempre diferente da primeira vez. Tudo é fruído, jogado. A fruição pode até ser precoce, mas está imbricada com a arte, que parece compromisso. Daí o esforço de todo artista para destruir sua própria arte: entra-se para a academia ou cria-se uma profissão.

O texto é tecido. Durante essa tessitura é possível escrever em voz alta, pois sentimos as palavras, cada letra, cada forma e cada escritura, na pele, na voz, na garganta, na alma. Este seria o grau zero, o nível básico. Obviamente, Roland Barthes (2004) percebeu

⁷ Mario Osório Marques (1997, p.83) afirma que “a poesia não pertence a quem a fez, mas a quem ela utiliza”. Na leitura estão implicados o sujeito que escreve deixando no escrito suas marcas e os sujeitos que ao lerem atualizam, dão vida ao que foi escrito. A letra mata;o espírito vivifica.A folha de papel não é apenas suporte passivo, é campo aberto à criatividade do escrever e do ler, convite e incitamento à intercomplementaridade de atos separados por um hiato de tempo, que até pode ser de séculos, como pode ser de segundos, naquele instante.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



que não existe literatura sem uma “moral da língua”, sem a forma, sem a escrita. Mas sabe-se que a Escritura é uma opção necessária que o escritor tem ou faz entre as várias morais da língua. O impossível da escritura é o da própria vida ou sociedade. Daí o termo: o grau zero da escritura, que nada mais é do que não apenas comunicar ou exprimir, mas ser a dúvida, a insegurança de cair em contradição, de afirmar que não se sabe se há uma única verdade, se estamos indo na direção certa, se há, de fato, tal direção.

Não existe escrita sem rótulo, contudo a escritura atravessa o olhar, o fazer e a ausência. As chamadas “escritas neutras” são o grau zero da escritura, ou “a escritura branca”, como o último episódio de uma paixão⁸. Toda forma é um valor, pois entre língua e estilo há outra realidade: a escritura. Língua e estilo são objetos; escrever é uma função (estabelece a relação entre sociedade e criação). Se a palavra tem mesmo memória, então a escritura é o elo entre a liberdade e a lembrança, ainda que inconsciente. A escritura, ou princípio livre, é a ligação que acorrenta o escritor à história, que por sua vez já está acorrentada à sociedade, com signos bem claros da arte.

Roland foi feliz ao afirmar muitas coisas: “a literatura como utopia da língua”, a forma rígida e fechada com que a escola oprime e força à escrita, à formação de leitores ou escritores pela formatação, pela estética, pelo estilo, não pelo conteúdo, pela liberdade, pelo prazer de escrever, de se ter o grau zero da escritura, pela escolha, pela fruição, pelo devir, pelo sentido que tal ação representa, uma vez que é na linguagem e pela linguagem que nos constituímos e nos (des) construímos, enquanto seres, como humanos, situando-nos conosco e com o mundo.

Por este ângulo, as escolas têm feito um competente trabalho social: o de não permitir o estudo efetivo e o avanço cognitivo dos alunos, visto que pretendem, única e exclusivamente, protegê-los do perigo ao qual diariamente estão expostos: o de aprender, o de se divertir percebendo o quão delicioso (ou não) pode ser ler e escrever (escritura), ter

⁸ “Ler é desejar a obra, é pretender ser a obra, é recusar dobrar o obra fora de qualquer outra fala que não a própria fala da obra: o único comentário que um puro leitor, que puro se mantivesse, poderia produzir. Passar da leitura à crítica é mudar de desejo: é deixar de desejar a obra para desejar a própria linguagem.” BARTHES (1987, p. 78)

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



opção, e, o melhor, o contato com a arte, lembrando que esse AVATAR de proteção sempre é usado “para evitar mais dor”. Muitas vezes, parece que a escola tira de cena a escritura, despe o ensino e a aprendizagem da escrita daquilo que poderiam ter de melhor: o fortalecimento do desejo de compreender o mundo e de compreender-se. As práticas de aquisição da língua, que levem em conta a escritura, deveriam (inevitavelmente) fazer sentido para os estudantes e levá-los a ter vontade de compreender o mundo e de compreender-se... Pelo menos para questionarem, refletirem. Novamente, surge o elemento “a invenção de problemas”. A escola trata de fazer os alunos aprenderem os “significados” consagrados (significado é da ordem do “já dado”: imagem criada para um mundo supostamente já compreendido), mas raramente abre para a criação de novos sentidos (sentido: é da ordem da criação, das conexões que podem existir entre um fenômeno e uma consciência, em condições inéditas). Uma simples abertura ao inaudito da linguagem, ao silêncio, ao não sabido, ao outro...e pronto! A escritura estaria presente.

Defendemos a leitura do jornal em sala de aula porque a evolução dos alunos, com a leitura do gênero, será notória e quantificável no objeto de estudos em aula, que é o texto. Sem falar nas demais hipóteses que apontam para os benefícios da leitura do jornal, como o desenvolvimento da oralidade.

A partir de agora, o texto constitui-se em uma tentativa de reflexão, com vistas à compreensão do processo da leitura de jornal em ambientes formais de educação na Educação Básica, utilizando-se do aporte teórico de outros pensadores (além dos anteriormente citados), como M. Bakhtin, É. Benveniste, R. Jakobson.

3 NOVAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS (OU SOBRE O QUE ACABA DE SE SABER...)

Mudar a perspectiva de escrita/ escritura para leitura é algo compreensível, mas refletir acerca do tema não é uma tarefa muito fácil. Ainda mais se fizermos menção ao jornal, sobretudo na sala de aula. Entretanto, essa abordagem precisa ser aprofundada junto

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



a outros preceitos, já que somos, vivemos e respiramos linguagem... Para tanto, resolvemos fazer uso dos preceitos das teorias da enunciação. Logo, seria um convite recapitular a máxima *o homem na língua*, de Émile Benveniste, como início de uma análise possível e interessante.

Quando se fala em jornal logo se pensa no sujeito, numa analogia à Linguística da enunciação. Basta lembrar que ela trouxe de volta para os estudos linguísticos, a partir do final dos anos 1950, o sujeito excluído pelo estruturalismo (nem bom, nem mau, não cabe aqui juízo de valor). O papel dos falantes no processo da produção de enunciados passou a ser foco de interesse na metade do século, mas a peleia teórica teve início na primeira década do século XX, período em que, simultaneamente, na Rússia e na França, dois pensadores da linguagem, Charles Bally e Mikhail Bakhtin, refletiam sobre a presença do eu (subjetividade) no discurso.

De acordo com o que estudamos, Benveniste (1988) procurou dar lugar ao que foi excluído por Saussure, sem abrir mão do estruturalismo, ou seja, pensar sujeito e estrutura articulados. Para a descrição da língua, o autor levou em consideração que essa tem formas que marcam o sujeito, quando ele fala. Em sua obra há, conforme Flores e Teixeira (2005, pág. 89), ao menos, três eixos:

(1) os estudos estruturalistas (inclusive os trabalhos histórico-comparatistas), uma série de textos nos quais se dedicou a divulgar e explicar a obra saussuriana (nessa perspectiva, as reflexões linguísticas de Benveniste filiam-se ao pensamento estruturalista de Saussure), constituindo-se uma epistemologia da linguística da enunciação; (2) os estudos interdisciplinares, reunindo reflexões das ciências humanas, entre as quais a Linguística; (3) um conjunto de textos, cujo primeiro é de 1946 e o último de 1974, sobre a possibilidade de o sistema linguístico considerar os fenômenos da enunciação, inaugurando uma forma diferente de pensar a linguagem.

Sob o domínio desse terceiro eixo, Benveniste estabelece uma nova abordagem linguística – geralmente denominada pelo termo Teoria da Enunciação. As teorias enunciativas priorizam a ordem linguística, porém sob diferentes perspectivas (“o ponto de vista faz o objeto”), sempre partindo da relação estabelecida pelo sujeito com a linguagem.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Benveniste privilegia as marcas linguísticas, deixadas no enunciado pelo sujeito da enunciação, as quais evidenciam a subjetividade na linguagem (que é, portanto, uma questão linguística). Até então estávamos falando sobre a língua que, segundo Pires (2012), previne a esquizofrenia. Agora, passaremos a falar de modo amplo, sobre linguagem.

A linguagem funda a subjetividade: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” ou, ainda, “a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1988, p. 73), é um movimento enunciativo. Para Benveniste, a enunciação é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. No momento da enunciação, o sujeito assume a língua e ali se mostra.

A noção de subjetividade é o que permite chegar à linguagem em uso, em exercício: os “indicadores de subjetividade” – eu, tu e os demais – existem ao serem assumidos pelos interlocutores e atualizados no discurso. A apropriação desses elementos faz com que todos as outras formas linguísticas concordem (“tornam-se solidárias”) com a instância atualizada de discurso. A começar pelas formas verbais. Entretanto, “há enunciados de discurso, que escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação ‘objetiva’. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’, ou para Benveniste, a “não-pessoa”. Os pronomes de terceira pessoa – ele, o, isso – podem substituir substantivos como, por exemplo, anáfora, catáfora etc.

A linguagem em uso é, para o linguista francês, o discurso: “a linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros” (BENVENISTE, 1958). É a palavra, atualizada em linguagem, que garante a comunicação, uma vez que essa aptidão é dada pela propriedade que tem a linguagem de constituir o homem em sujeito. A consciência de si, entretanto, é intersubjetiva (no momento que Benveniste institui a subjetividade, imediatamente, institui, também, o outro, ou seja, a intersubjetividade).

A condição de diálogo é constitutiva da pessoa, pois implica reciprocidade⁹, ou seja, que eu me dirija a um tu e que, ato contínuo, esse interlocutor transforme-se no eu

⁹ Considerando que a relação com mundo nunca é direta, pois para Pires (1999) a linguagem intermedia essa relação, refletindo-o ou refratando-o, no interior de horizontes sociais de valores. Entende-se que “reconhecer

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



dirigindo-se a mim como um tu. Nesse ponto institui-se, via o outro, também a sociedade. É inconcebível uma língua sem expressão da pessoa, sem os pronomes pessoais, que são, entretanto, vazios de referência, sendo somente preenchidos no exercício da língua (discurso). *Eu* é um termo que só pode ser identificado na instância de discurso em que é atualizado. A realidade à qual ele faz referência é uma realidade discursiva. Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio linguístico (e “linguageiro”) da subjetividade. Em torno deles, organizam-se outros elementos - os *indicadores da dêixis*: advérbios de tempo e lugar, demonstrativos, adjetivos, entre outros.

Esses indicadores somente podem ser definidos na instância de um discurso enunciado por um *eu*. Em torno da subjetividade organiza-se também a expressão da temporalidade: a noção de tempo, não importa a marca linguística que a expresse, tem como referência o tempo presente que coincide com a instância do discurso que o descreve. A subjetividade constrói, na linguagem e fora da linguagem, a categoria de pessoa.

Segundo PIRES (1999), em sua tese de doutorado, a relação com os outros funda o dialogismo, princípio elementar de toda a linguagem, porque a vida é dialógica por natureza e viver significa participar de um diálogo, já que tudo o que me diz respeito vem do mundo exterior por meio das palavras das outras pessoas. Por meio da enunciação, Bakhtin instituiu um processo de intersubjetividade no qual a identidade do sujeito passa a ser o seu reconhecimento por meio do outro. Ou seja, nosso suporte constitutivo é a alteridade.

Antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade da língua; após a enunciação, a língua efetua-se em discurso de um locutor que atinge o ouvinte, suscitando de retorno uma outra enunciação. A língua é empregada para expressar relação com o mundo, ou seja, para referi-lo: a referência faz parte da enunciação. A descrição da enunciação segue como: a) emergência dos índices de pessoa – eu – tu; b) os numerosos índices de ostensão, ou seja, de indicação (*dêixis*) – pronomes demonstrativos, advérbios de tempo e de lugar. São

a dialogia é encarar a diferença. O sujeito e o sentido são constituídos por meio da enunciação – momento de uso da linguagem – processo interativo que tem como fundamento, o movimento dialógico em direção ao outro.” Por intermédio do estudo dos discursos do cotidiano, comprova-se que eles retratam as experiências contraditórias de sujeitos históricos e plurais.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



“formas” que remetem a indivíduos específicos, engendrados a cada enunciação; c) formas temporais – os tempos verbais, cujo eixo é o presente, pois coincide com o momento da enunciação. Benveniste (1988) concluiu, a partir desse raciocínio, que a característica da enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, ou seja, a relação com o outro.

Conforme PIRES (1999),

Mikhail Bakhtin, como Benveniste, enfatizou a relação dos sujeitos com a língua em uso, determinando a enunciação e marcando, materialmente, a presença da subjetividade no discurso. A enunciação não parte de um sujeito individual, considerado isoladamente, mas é produto da interação dos seres humanos, socialmente organizados, e do contexto da situação social complexa em que aparece.

Bakhtin/Volochínov (1986) assumem o caráter dialógico da linguagem e propõem uma concepção de linguagem produzida por um sujeito concreto e enraizado na realidade histórico-social. Defendem a teoria interacionista da linguagem como “construção da realidade dialógica”. Para os autores, a língua é “uma atividade social, cujo processo verbal interativo – a enunciação – é o fator principal”. A verdadeira substância da língua é o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Quanto ao dialogismo, a vida é dialógica por natureza: é um fenômeno quase universal, essencialmente uma filosofia da linguagem, sendo constitutivo da linguagem. Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (1986) mobilizam as diferentes esferas de enunciado, organizam o nosso discurso e permitem que ocorra toda interação sociodiscursiva, como meio de apreender a realidade. Cada gênero tem suas características típicas e é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente, pois suas formas são infinitas, ao mesmo tempo estáveis (relativas) e mutáveis, se imbricando e interpenetrando para formar novos gêneros.

A leitura do jornal na sala de aula, através de uma abordagem a partir dos pressupostos teóricos do círculo de Mikhail Bakhtin, passa a ser um interessante foco de estudo, por surgir como instrumento possibilitador de uma ação social, inserindo os

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



educandos no seu contexto sócio/ histórico/ cultural, como atuantes e protagonistas da própria aprendizagem, uma vez que a leitura crítica do discurso jornalístico permite um estudo aprofundado das ideologias, por meio da intertextualidade, da intersubjetividade, da polifonia e do contato com diversos gêneros discursivos. Com o jornal, parece possível observar diferenças e imbricações entre língua e linguagem.

Tal conceito está vinculado, conforme PIRES (1999), indissolavelmente ao de interação e está presente nas obras do Círculo de Bakhtin de três maneiras distintas:

a) como princípio geral do agir – só se age em relação de contraste com relação a outros atos de outros sujeitos: o vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença; b) como princípio da produção dos enunciados/discursos que advêm de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos; c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito. O dialogismo é a essência da teoria bakhtiniana do discurso e vê a palavra como um movimento constante.

Quanto à intertextualidade e polifonia, pode-se dizer que esta é mais abrangente do que a intertextualidade, sendo a multiplicidade de vozes e a vontade de combinação de muitas vontades, caracterizada por vozes polêmicas em um discurso. Para nós, em Bakhtin a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam. A polifonia é uma estratégia com grande força de persuasão (é o reportar de fala alheia a serviço da persuasão argumentativa).

Uma investigação que se proponha como tal, justifica-se teoricamente por preocupar-se com o desenvolvimento das habilidades e das competências leitora e escrita, por meio da leitura, produção escrita e reescrita de textos dos mais diversos gêneros, conforme estudos da corrente filosófica russa de Mikhail Bakhtin e seu Círculo transdisciplinar. Um estudo de caso que se constitua da coleta de dados e de observação como docente/ pesquisadora participante em um projeto existente em algumas cidades da região, poderia trazer boas hipóteses teóricas.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Assim, é possível mencionar o PJNSA¹⁰ (Programa Jornal na Sala de Aula), o qual propõe que a cada semana alunos e professores integrantes do programa recebam um exemplar do jornal na sala de aula, como um convite à prática da leitura a partir de uma proposta interdisciplinar. A edição pertence ao aluno, que pode, inclusive, levar o jornal para casa e compartilhar as informações com sua família e amigos, permitindo que todos tomem ciência dos fatos, conversem sobre eles, opinem, debatam e produzam conhecimento por meio de ações concretas, criando uma nova realidade para o mundo em que vivem. Para complementar este estudo, seria interessante, também, analisar e compreender a produção de sentido e a importância da ação para a educação (educandos), sobretudo na cidade de Novo Hamburgo.

4 CAMINHOS NORTEADORES (OU SOBRE O QUE AINDA NÃO SE SABE...)

Depois de iniciar este texto, retomando as conclusões a que chegamos com os estudos anteriores, foram incluídos alguns tópicos estudados acerca das teorias do discurso, com vistas a embasar a tese sobre a qual o conteúdo desse texto versa, cujo foco será direcionado aos estudos ligados ao jornal, por ser um assunto que pode ser analisado com base na arquitetura de Bakhtin: com a leitura do jornal, é possível analisar questões como os gêneros do discurso, polifonia (as muitas vozes que falam através do discurso jornalístico), enunciação, dialogismo, alteridade e, inclusive, a questão da *prima filosofia* (ler jornal como instigação, até mesmo inconsciente, ao ato responsável, pelo agir, não apenas teorizar sobre as questões e problemas sociais)... Isso tudo sem mencionar a questão das ideologias.

Empiricamente, o jornal já foi visto como o signo da contradição, tal qual a leitura literária, que certa vez foi diabolizada. Assim, nosso futuro estudo pretende um rompimento

¹⁰ Que será estudado pelas pesquisadoras na tese de Doutorado em Letras e servirá como fonte de coleta de dados no estudo de caso (em andamento).

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



com o senso comum, tentando uma instauração de um outro sentido para o jornal. Para tanto, constitui-se em uma tentativa de reflexão que integre os campos da teoria dialógica da enunciação de Bakhtin (o que parece ter mais sentido se for unido às teorias da cultura, de Zigmunt Bauman, com base etnográfica, de Gilles Lipovetsky, sociológica, de Robert Escarpit, filosófica, de Gaston Bachelard e fenomenológica, de Maurice Merleau Ponty.

Compreende-se que o processo da leitura de jornal em ambientes formais de educação na Educação Básica permite uma construção cultural que representa, produz sentidos e estrutura a identidade do sujeito com base em padrões sociohistóricos. Tal pressuposto se situa no campo de estudos de uma semântica discursiva, uma prática de interpretação dos processos de produção de efeitos de sentido que leva em conta o sujeito produtor de discurso e os fatores internos da organização sintática e semântica, bem como os fatores externos referentes ao contexto de produção do discurso.

Pensamos que o jornal pode estreitar a relação discursiva com o próximo, caracterizando a enunciação, por sustentar a prática social da relação inter-humana, comum ao exercício da linguagem e incitar à ações práticas que tragam alguma melhoria à sociedade. Para a teoria bakhtiniana, sujeito e sentido são constituídos no processo de enunciação, que tem como fundamento o movimento dialógico em direção ao outro e essa relação perpassa também, acredita-se, através da leitura do Jornal.

Os discursos do cotidiano retratam as experiências contraditórias de sujeitos históricos e plurais. Ao que tudo parece, o texto jornalístico evidencia um discurso, cujo efeito de sentido aponta para o estabelecido, mas seu acontecimento discursivo rompe o círculo da repetição, inscreve uma postura de resistência, comprovando através da leitura que o lugar do social está visivelmente marcado na enunciação e no enunciado, via intersubjetividade, pois, segundo PIREZ (1999), fundamentada no dialogismo de M. Bakhtin, considera-se que nenhum texto se fecha em si mesmo, pelo contrário, todo texto ou discurso estabelece uma relação dialógica constitutiva com outros textos ou discursos que o antecedem.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Pelo fato de também abordar as representações sociais e a enunciação da subjetividade, via discurso jornalístico, a pesquisa coloca em foco as interações entre linguagem e práticas socioculturais. O jornal, aqui, é visto como um dos gêneros que, quando lidos, corroboram para o desenvolvimento de cidadãos socialmente ativos, sobretudo na escola, com tanta pluralidade sociocultural nas atividades.

Assim, justificamos o interesse pelo estudo de caso do projeto Jornal na Sala de Aula e a necessidade de um aprofundamento teórico acerca do processo da leitura do jornal, que parece encontrar um alento nos teóricos citados, sobretudo na arquitetura de Bakhtin e nos estudos do Círculo. Mas enquanto a tese se desenvolve em nós, por si mesma, vamos ensaiando, lendo, teorizando...para depois podermos nos contradizer com a liberdade de quem se aventura a errar e a viver, a agir (responsiva e responsavelmente).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **Conhecimento comum e conhecimento científico**. In: Tempo Brasileiro São Paulo, 1972.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor: 2012.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I** Campinas, SP: Pontes, 1988.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1976.

_____. **Escritura y comunicación**. Editora Castalia: 1975.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas: Papirus, 2009.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. In: Educação e realidade, v.29, n.1, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo**. Editora MANOLE, 2005.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1985.

LYONS, Martyn e LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**. Histórias de leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Texto original publicado em 1945).

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. 11ªed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PIRES, Vera Lúcia. **Discurso e relações de gênero: sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido-outro**. 1999. 188 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: LPM Pocket, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

SITES CONSULTADOS

<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao>

<http://www.wan-press.org/nie/articles.php?id=749>

<http://www.todospelaeducacao.org.br/>

<http://programajornaleeducacao.blogspot.com/>

<http://www.vivaleitura.com.br/calendri.asp>

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



<http://www.amigosdolivro.com.br>

<http://alb.com.br>

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>

<http://ebooksgratis.com.br/tag/habitos-de-leitura/>